

A Toxicomania e os seis paradigmas do gozo.

Os sintomas contemporâneos apresentam ao discurso analítico a face indecifrável, a face de ato mais que de símbolo. A face do fora-do-discurso, a face de gozo. Opõem-se à marca freudiana de ler manifestações clínicas como o discurso de outra cena, de outra satisfação.

Não é possível afirmar que essa dupla face das apresentações clínicas tenha sido desprezada. Desde o início dos trabalhos de Freud está lá, reconhecida, a face não decifrável: as neuroses atuais: Angústia e Neurastenia (Freud, 1973a, 1973b). Não importa o nexo epidemiológico que Freud construiu, relacionando a primeira ao coito interrompido, resultando a carga libidinal insatisfeita trilhar um caminho equivocado. Ao mesmo tempo, Freud relacionou a neurastenia à opacidade do outro: contumazes masturbadores, não abriam seu jogo ao corpo do outro. Se o nexo epidemiológico não importa, vale, entretanto, o privilégio que Freud conferiu ao ato presente, atual, masturbação ou coito interrompido, o mecanismo imediatamente construtor da manifestação clínica, sem nexos psíquico. Com o passar do tempo, Freud alertou que as neuroses atuais e as psiconeuroses – aquelas decifráveis (Histeria, Fobia, Obsessões) – fundiam-se em um amálgama (Freud, 1973c).

Enfim, se o banquete dos analistas esteve sempre ao lado da decifração, alguém inevitavelmente derrubava a taça de vinho, vomitava no tapete, deixava a sopa manchar a roupa durante a celebração. Um deslizamento para além da metonímia. Escrever um deslizamento além da metonímia é o mesmo que dizer que algo escapa à linguagem, que a linguagem não recobre todo o registro da ação humana. Estamos próximos à noção de gozo.

É nessa seara que entra as apresentações clínicas associadas ao uso, abuso e dependência a drogas. Sejam os produtos da ciência farmacológica, sejam as representantes arcanas.

Se escrevermos a história das drogas em dois parágrafos, a primeira afirmação é a presença destas desde a hominização e a generalização do uso de substâncias psicoativas nos ritos, transformadores e simbólicos, em comunidades originais. Como se dá na construção do xamã à transformação do garoto em guerreiro (Furst, 1992). Essa marca mágica e ritual transformou-se ao

contato com a civilização ocidental moderna. Tornou-se tratamento, fantasia e encantamento, em uma perspectiva individual. O poeta Baudelaire (2009), e o escritor De Quincey (2000) deixaram testemunhos claros na metade do século XIX.

Até os anos 60 do século XX, as drogas viviam em um gueto entre a marginalidade do criminoso e a marginalidade glamorosa do artista. No bojo do movimento contracultural, houve a primeira grande onda de popularização do uso de drogas. Nesse primeiro momento, os alucinógenos, trabalhados anteriormente como potenciais medicamentos, pontificaram, popularizaram-se e foram cantados em prosa e verso como agentes do maravilhamento que a vida fora das regras sociais poderia tornar-se. Os opiáceos, substâncias que, desde De Quincey, são julgadas perigosas, não obstante as ressalvas de Escohotado (1998), continuavam marginais: terra de junkies. Esse equilíbrio foi quebrado com a entrada em cena da cocaína nos anos 70. Essa droga, oriunda do altiplano latino-americano, conhecida há séculos e objeto de culto em comunidades primitivas e potencial medicamento no século XIX, tornou-se objeto de ânsia nas travessas de prata em festas sofisticadas do high society mundial. Cabe comentar que as drogas não fariam tanto sucesso, não seriam tão presentes sem uma estrutura de produção, armazenamento e distribuição muito bem organizada, isto é, sem entrar em conexão com a economia legal (Kopp, 1998). Sem deixar de lado, é claro, o efeito delas no corpo. Em geral, uma experiência de prazer inédita, aproximada de modo radical com um forçamento para além do princípio do prazer.

Poucos anos depois, o cenário festivo começou a mostrar outro lado. As enfermarias psiquiátricas, acostumadas a tratar o alcoolismo desde os anos 20, lotaram-se com outro tipo de adicto: o adicto a outras drogas. Cabe apenas comentar o cinturão de clínicas “especializadas” em tratamento da adicção em torno da cidade de São Paulo.

Um pequeno parênteses: a clínica da toxicomania, não obstante alguns traços claramente estereotipados, é uma clínica múltipla. Envolve desde o corpo recortado pela medicina, nos acidentes por doses excessivas ou mesmo acidentes em doses usuais. Tais substâncias podem facilitar convulsões, alteram a eletrofisiologia cardíaca, são vasoativas, alteram a pressão arterial entre outros

efeitos. Enfim, a carne de Deus pode não ser tão divina assim. Mas não é tema para discussão nesse espaço.

Nesse escrito, o aspecto que é levado em conta é uma particularidade em relação ao efeito das drogas. Ele é considerado um efeito global. Isto é, a droga oferece ao sujeito uma vivência real, integral que inclui todas as qualidades de uma genuína experiência psíquica. Isto é, é uma experiência de prazer, uma experiência de pensamento, uma experiência de sensações das mais agradáveis às mais terríficas, uma experiência de transformação do sujeito de tímido em ousado, de quieto em falante, de inteligente e ágil em lento e cansado, de melancólico em eufórico, de alegre em triste, de entediado em divertido, de corajoso em covarde, de covarde em corajoso, de mecânico em poético. Uma experiência, portanto, que demanda repetição, pois esses acontecimentos todos não demoram mais que alguns minutos para “bater”. Não requer formação, não requer trabalho, não requer treino. À disposição de qualquer um, a qualquer hora. Um perfeito by pass psíquico, curto-circuito entre a ação química no corpo e o resultado subjetivo. Portanto, uma experiência por fora da linguagem que, como escrito acima, a aproxima do gozo, pois favorece ir além da rotina usual onde pontifica o princípio do prazer. Como escreve Miller (2008) a propósito do gozo: “o gozo, no entanto, evoca imagens totalmente opostas de intensidade, de forçamento, de transgressão, que parecem ser exclusivas de sujeitos de exceção que se aventuram para além do princípio do prazer: forçar o acesso à Coisa, que se considera eventualmente como um privilégio do artista ou do sacrificado(p. 180)” [e do adicto].

Um raciocínio simples dirigido a toda essa gama de efeitos demonstra que as drogas podem ter múltiplas funções. Podem tirar o sujeito do sério, podem deixa-lo sério. Podem retirá-lo de um estado melancólico. Podem favorecer, paradoxalmente, o contato com o outro. Podem amarrar e desamarrar se a referência é o nó borromeano. Esse é um tema instigante tratado de modo lateral nesse escrito. O uso terapêutico de drogas é ato clássico, explorado notadamente pela medicina contemporânea e alguma esperança como coadjuvante para o tratamento psicanalítico de apresentações clínicas contemporâneas que são marcadas pelos atos e não por condensações e deslocamentos.

Recorta-se, portanto, da multiplicação de fenômenos relacionados ao uso, abuso e dependência a drogas um quadro peculiar, reconhecido desde Huss (Berridge, 1994; Madden, 2012) no final do século XIX, ao observar o alcoolismo. O sujeito que não mede esforços para a intoxicação. Mesmo que todo o maravilhamento que o fascinou e o seduziu esteja a quilômetros de distância. Mesmo que o super-homem “cocaínico” nunca mais “para frente, avante!” e no lugar dele o paranoico. Mesmo que o homem das piadas tenha esquecido todas e no lugar dele o desmaio na frente do balcão. Mesmo assim, saio de casa para beber, cheirar, injetar, pipar, fumar e não importa meio tostão a credibilidade do sujeito abaixo da bunda da cobra. Por vezes, esse sujeito aponta um mal-estar prévio a esse movimento, o que a medicina chama de sinais de abstinência. O desconforto corporal e subjetivo seria o gatilho para o ato, mesmo que esse não traga a vivência buscada. Outras vezes, a suposição de que esse mal-estar vá surgir, é o mote para a intoxicação. Evitar a qualquer custo tal situação é o que anima o adicto. Este traço, uma vivência inicial de forçamento do prazer que, com frequência, é um sucesso, fica como marca, como traço mnêmico que, também com frequência, não é alcançado outra vez. O que compele à repetição de uma experiência que adquire ares de experiência absoluta que não admite substituição, cálculo, equivalências como as operações usuais que se dão no campo simbólico. Impõe-se um tudo ou nada. Ora, como diz Miller (2008) no mesmo seminário, um ato valer como tudo ou nada absoluto implica transbordar do simbólico e imiscuir-se no gozo.

Essa condição patética e trágica é a característica da drogadicção que será associada a outro trabalho de Miller (2012) sobre o mapeamento histórico e conceitual da noção de gozo no ensino de Lacan. A finalidade é correlacionar tal condição a cada um dos paradigmas do gozo.

Para que tal propósito seja possível, o recorte acima é necessário. É necessário reconhecer, por um lado, que o uso, abuso e dependência de drogas não está entre os sintomas decifráveis. Não é sintoma freudiano, onde uma página censurada da história do sujeito retorna disfarçada sob metáforas e metonímias. Está mais próximo de um ato com um efeito fulgurante. Significa que os analistas devem fechar os olhos, descansar e deixar ao largo do divã os

que procuram a psicanálise envolvidos no manto carinhoso que esconde os rascantes espinhos da adicção?

Não! Pois, o sujeito do desejo submetido ao gozo da droga é tratável pela palavra. Por uma única razão: seja qual for a estrutura prévia, neurótica, psicótica ou perversa, seja qual for o índice de submissão à experiência toxicomaniaca, a estrutura desejante não está desmantelada como demonstra a construção topológica a seguir:

Desenhar: (caros editores: esse desenho, que não sei fazer, está na página 64 do livro *Toxicomanias*, Editora Escuta, de Durval Mazzei Nogueira Filho)

Neste esquema, Nogueira Fo (1999) pretende dois objetivos: indicar que a estrutura original não é alterada pelo uso, abuso e dependência a droga, mas que está submetida ao poder do que é denominado fantasmagoria. Cunhou-se esse termo para distingui-lo dos usuais 'fantasma' e 'fantasia', pois a clínica da toxicomania demonstra que as atitudes que parecem perversas, psicóticas ou, simplesmente, marginais, delinquentiais, inafetivas do adicto é menos presença histórica, é menos marca sexual, é menos fantasia do que efeito atual da tirania que a repetição, o impulso ao uso impõe.

O modelo proposto segue Lacan. Trata-se do 'nó borromeano' representação que Lacan faz dos três registros da ação humana: o Real (R), o Imaginário (I) e o Simbólico (S). Assimilando aos conceitos freudianos, o R corresponde à pulsão entendida como enigma fora do aparelho psíquico, o I ao *Eu* marcado pelas sedução e agressividade e o S ao Inconsciente onde qualquer termo pode valer por outro. A formação à sua esquerda – reunindo R e I – é a fantasmagoria resultante do encontro do corpo com a droga, deixando o sujeito à mercê do gozo da droga. E, como se vê, a fantasmagoria não inclui justamente o S. Quer dizer que não inclui a participação dos elementos caros à descrição psicanalítica do ser: a linguagem, o inconsciente e o grupo de relações com os objetos que causam desejo, a série de objetos @. E, além disso, exibe a mesma consistência do *Eu* no que tange à certeza subjetiva e quanto esta certeza é poderosa ao sustentar o enunciado 'sei o que quero'. A formação à direita corresponde à estrutura, por assim dizer, original do sujeito. Propõe-se que esta não é, propriamente, desmantelada pela adicção, mas permanece obscurecida no

sujeito submetido à repetição da experiência tóxica. Isto quer dizer que o papel deletério da droga não é irrestrito e que o sujeito do desejo está lá, pronto a falar, mas impossibilitado pela fantasmagoria discursiva que oblitera a subjetividade.

É claro que está exposto aqui um modelo cujo fundamento conceitual repousa na proposta que o encontro de um corpo, um ser, um sujeito com a droga define uma experiência inédita. Não mera repetição de uma experiência que o infante vivera nos estertores inaugurais de sua existência. Seja a primeira satisfação alimentar orgástica, seja a plenitude do laço com a mãe. A droga, na verdade, é mais um termo que aponta possibilidade de viver longe da divisão do sujeito. Não é de desconhecimento de ninguém que o sujeito vive, em sua subjetividade, a esperança de que alguma circunstância, de que um objeto, de que uma promessa do desenvolvimento científico, de uma estrutura social que venha por um fim em sua divisão. Em sua perene busca pela unidade. A droga faz isso *prêt-à-porter* como Freud definiu com sua clareza habitual, considerando-as o maior antídoto ao mal-estar da civilização (Freud 1973d).

A toxicomania e a imaginarização do gozo:

O primeiro paradigma está explicitado no esquema L, que Lacan construiu para indicar a oposição entre o eixo A (grande Outro) e \$ (sujeito dividido) e o eixo a (Eu) e a' (imagem especular).

O eixo A - \$, eixo Simbólico, é por onde está demonstrada “a função da fala como doadora de sentido, do campo da linguagem que, por sua estrutura, a suporta (Miller, op cit, 1)”. É onde reconhece-se o cifrável e o decifrável. Ora, aí estão as formações do inconsciente e a possibilidade de descrever o sintoma como efeito de um sentido recalado que é acolhido pelo Outro ao ser reconhecido como um traço, uma marca da história do sujeito. É o privilégio que Lacan confere à “decifração na medida em que ela provém do simbólico, que supõe a diferença entre significante e significado e aloja-se em uma estrutura de comunicação (Miller, op cit, 2)”. É o modo como o ato analítico produz efeitos de transformação e faz emergir um saber que surpreende e ao mesmo tempo produz uma marca familiar. Diz o analisante: como não havia pensado nisso? Ou, sempre soube disso, como Freud comentou mais de uma vez.

O eixo a - a', eixo Imaginário, é o lugar da repetição, da insistência do Eu como exigência de unidade. Do narcisismo como fechamento do ser no jogo

especular, no Eu Ideal. Eixo no qual o gozo vai imperar como permanente, estagnante e inerte. É o reino da libido. Da satisfação que se resume à demanda ao invés do desejar. Demanda ao estilo obsceno e feroz, resultado da coalescência do Eu ao Supereu. Dessa descrição, deduz-se que o eixo a - a' é o eixo da resistência, eixo da transferência como impedimento à fala.

Outra dedução resultante desse modo de descrever é “a não-relação [da pureza do simbólico] com o imaginário como o lugar do que, em Freud, se chama libido (Miller, op cit, 7)”. Há, portanto, uma disjunção entre significante e gozo e entre o Eu e o inconsciente.

Não é um problema conceitual correlacionar a toxicomania a esse primeiro paradigma. Como foi dito acima, a experiência toxicomaniaca é, antes de tudo, uma experiência de forçamento de prazer. Uma experiência de surpresa que inclui todo o frescor de um ato psíquico genuíno. Que deixa fora do jogo o eixo A - \$, pois é uma ação que implica um sujeito e um objeto mundano e nada mais. Ora, é um ato que vem fechar as portas ao A e confirmar que há muito o que esperar do eixo imaginário, libidinal, onde a satisfação não deslizou, via metonímia, mais uma letra adiante. Ao contrário, está ali, à mão. Por fora do que se cifra e se decifra, por fora de qualquer mediação que a fala, a palavra, o significante oferecem ao reconhecimento. É um corolário lógico que o trabalho analítico revela uma dificuldade adicional à elaboração linguageira da toxicomania. Isto é, não há muito o que dizer além do poder demandante e prazeroso do ato. A toxicomania é uma construção que prescinde, desde a montagem inicial, do significante e reúne-se confortavelmente ao núcleo de repetição e resistência do caroço especular e narcísico. Isto impede que, como diz Miller sobre as formações clínicas usuais, “a imaginarização do gozo encontre-se progressivamente deslocada, superada pela transposição do imaginário ao simbólico (Miller, op cit, 5)”. É justamente essa transposição do imaginário ao simbólico a toxicomania apaga, dada a diferença na constituição de um sintoma histérico – substituto de uma página recalcada da história – e de um ato toxicomaniaco.

A toxicomania e a significantização do gozo:

Segundo Miller, esse paradigma corresponde à teorização de Lacan que visa uma hipérbole do simbólico. Os termos anteriormente disjuntos – o

imaginário, as pulsões, a transferência – “estruturam-se em termos de linguagem e são capazes de metonímia, de substituição e de combinação... A sigla (\$ ◇ D) [escrita no grafo do desejo] é o momento capital da significantização do gozo. Lacan inscreve essa demanda do Outro na própria fórmula da pulsão, ou seja, ele reescreve a pulsão em termos simbólicos (Miller, op cit, 8)”.

A primeira correlação a partir desse outro estado da teoria é o nexos que há entre as drogas e a fala. É inegável que cada tipo de droga corresponde a certa modalidade de narrativa.

Vão aqui duas dessas modalidades. A primeira representa o laço que certas drogas, os alucinógenos mais caracteristicamente, criam com o misticismo. Huxley (1966, 1977) é um bom modelo: “cada um de nós é, a um só tempo, beneficiário e vítima da tradição linguística dentro da qual nasceu – beneficiário, porque a língua nos permite o acesso aos conhecimentos acumulados oriundos da experiência de outras pessoas; vítima, posto que isso nos leva a crer que esse saber limitado é a única sabedoria que está ao nosso alcance; e isto subverte nosso senso de realidade, fazendo com que consideremos essa noção como expressão da verdade (1966, p. 11)”. Em outra oportunidade, escreve: “os artistas, os visionários e os místicos sabem tão bem como qualquer outro que a cultura e a linguagem onde se sustenta a civilização são absolutamente necessárias e que, sem elas, o indivíduo não seria humano. Mas também sabem, mais vividamente que o resto da humanidade, que o indivíduo, para ser plenamente humano, deve aprender a perder sua condição, deve ser capaz de abrir brecha na muralha de símbolos verbalizados que o rodeia (1977, p. 359)”.

Cassady (1999) é o modelo de uma fala bem diferente, pois explicita o que há de ordinário e de afastamento de qualquer senso místico e transcendente. O alcoolista é seu representante. Escreve: “a conversa deles continha muitas observações genéricas sobre a Verdade e a Vida, que representavam o autêntico inconsciente coletivo de todos os vagabundos da América. Eles eram bêbados cujas mentes, enfraquecidas pelo álcool e por uma maneira subserviente de viver, pareciam continuamente ocupados em emitir curtas declarações de óbvia inutilidade, pronunciadas de maneira que fossem instantaneamente reconhecidas pelo ouvinte que, por sua vez, já havia escutado aquilo inúmeras

vezes e esmerava-se de um modo geral em assentir para tudo que lhe era dito e então dava seguimento à conversa com um comentário de sua própria autoria, igualmente transparente e carregado de generalidades. A simplicidade deste padrão era maravilhosa e não havia limite para as conclusões a que eles poderiam chegar juntos, isso sem falar nos extremos de abstração que poderiam ser atingidos (p. 98)".

É, então, 'a significantização da droga' que favorece o equívoco de analistas que não conferem à droga a condição de perturbar a reunião do sujeito à palavra. Seja na crença de que a intoxicação deixa o inconsciente a céu aberto, sem recalque, sem defesa, sem disfarce, como fez Sandison (1997) entre os anos 50 e 60. Ou como escutado de uma psicanalista que relatava sobre um analisante que 'dava uns tiros' imediatamente antes de entrar em sessão e aquela não via nada de diferente na fala deste em análise.

Miller nos faz reconhecer que "o grande momento desse paradigma é o momento do falo... vemos surgir o $-\phi$ da imagem fálica simbolizada e o grande Φ do significante do desejo (Miller, op cit, 9-10)".

Se, porventura, o uso, abuso e dependência a drogas não tem nada a ver com o desejo e, corolário lógico, com a fantasia ($\$ \diamond @$) nada que se segue vale. No entanto, é inusitado não observar na apresentação do toxicomaniaco a submissão de qualquer ato voltado à satisfação à presença da droga. Ele pode trepar? Claro, se intoxicado. Ele vai ao cinema? Claro, se intoxicado. Ele torce para o Corinthians? Claro, se intoxicado. Ele trabalha? Claro, desde que o trabalho não se oponha à intoxicação.

Sexo, diversão, trabalho são fulgores da imaginarização do falo ($-\phi$), resultado da presença do significante do desejo (Φ) no campo do Outro e índice da satisfação do desejo. Se eu tenho "perto de mim uma pessoa, uma função, uma instância que represente o significante do desejo" se intoxicado, algo deslocou o falo. Tanto do estatuto de significante do desejo quanto das formações imaginárias.

Mais que isso, no seu escrito sobre a significação do falo, contemporâneo ao seminário 5, onde Miller encontra também as referências que o orientam, Lacan (1998) complementa as funções imaginária e simbólica do falo conferindo a este a insígnia do significante "destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos

de significado (697)". Além do descrito acima, o falo desempenha uma função no logos. A mínima junção do metonímico significante com o cristal do significado, produtora da significação.

Ora, se damos ouvidos ao que o drogadicto fala, damos ouvidos a Huxley e a Cassidy. Se damos ouvidos a eles, ouvimos que a recorrente intoxicação produz efeito no que é interpretado, lido, falado.

É com esse desvio que nos encontramos quando a adicto fala a nós no gabinete analítico. Se não ouvimos, ou pior, conferimos a esse particular dizer o mesmo estatuto de um sujeito sem essa marca, o ato analítico tropeça.

A toxicomania e o gozo impossível.

Nesse terceiro paradigma, está de volta a disjunção.

Se o grafo do desejo, centro da paradigma anterior, o gozo está 'significatizado' e criando uma condição tão inusitada quanto verdadeira: não há acesso ao gozo, mas este não larga o osso. Está sempre lá. Presente, sem nome, real, mas acompanhando toda a dança combinatória e substitutiva do significante.

É no seminário da Ética que, segundo Miller, Lacan faz outra curva no caminho até o gozo. Como escrito rapidamente acima, a disjunção está de volta. Não mais entre o imaginário e o simbólico, como no primeiro paradigma, mas entre imaginário e simbólico de um lado e o real, a Coisa, do outro. Diz Miller: "que a verdadeira satisfação, a pulsional, não se encontra nem no imaginário nem no simbólico, que ela está fora do que é simbolizado, que ela é da ordem do real. Isso significa que... toda essa montagem do grafo de Lacan, que se dá em dois níveis [imaginário no nível inferior; simbólico no superior] é, de fato, construída... para conter o gozo real (Miller, op cit, 12)". Trata-se, então, de uma barreira que opõe o real ao simbólico e ao imaginário. Uma barreira distinta das defesas oriundas do recalque simbólico. Uma defesa que acompanha o nascimento da carne viva, "antes que se formulem as condições do recalque como tal", como se expressa Miller.

Desse forma, como o gozo está valorizado fora do sistema construído no grafo do desejo, "não existe acesso ao gozo, a não ser por transgressão (op cit, 14)". Constitui-se na feliz expressão de Miller, um heroísmo do gozo. A figura heroica, no seminário da ética, é a mulher que se insurge contra os ritos da

cidade – Antígona. Se em jogo ficcional, Sófocles escrevesse a Antígona na era da ciência, sublinharia as peripécias de Burroughs (1984). A figura do adicto – o junky – parece encarnar essa figura. Sem a nobreza, sem o brilho da heroína (com perdão pela redundância) mas tanto quanto ela, rompe “a barreira do belo para avançar até a zona de horror que o gozo comporta (Miller, op cit, 14)”. Folheiem o escrito de Burroughs: de assalto no metrô a sexo com garoto de programa sem ser gay, até as peripécias de machucar a pele com objetos pouco cortantes, durante um voo, pois a fissura insistia e urgia pingar a heroína no caminho aberto à corrente sanguínea. Isso tudo em um esquema que agarra com unhas e dentes a droga: “abandonar o junk significa abandonar um meio de vida. Já vi junkies largarem o vício, caírem no bebum e acabarem abotoando o paletó em poucos anos. O suicídio é frequente entre ex-junkies (p. 160)”. E completa: “barato quer dizer ver as coisas de um ângulo especial. Barato significa liberdade momentânea das exigências da carne, tão perecível, cautelosa, irritadiça e apavorada, coitada (p. 161)”. Poucas vezes a oposição entre a homeostase do prazer, as exigências da carne sob a marca da castração, e os excessos constitutivos do gozo foram tão bem descritas e a mediação da droga tão bem explicitada.

O que a droga explicita, enfim? A droga explicita que o que é da ordem do engodo e do semblante – o que o grafo do desejo esclarece, as satisfações imaginária e simbólica – pode ser transgredido na direção da satisfação real, pulsional. Basta a simplicidade do encontro com a substância. Com uma vantagem adicional: o subir e descer que a droga instaura no corpo, em um primeiro momento, mimetiza o ritmo homeostático do prazer. Essa mimese, em algum tempo, desaparece e é substituída, como Burroughs descreve claramente, por obrigação, estilo e impossibilidade de fazer algo diferente com a própria existência e com o próprio ser.

Seguindo Miller, esse é o preço que se paga por aproximar-se da Coisa e deixar de lado o objeto como simbolizado, apostando na vivência do gozo maciço. Engodo ou escravidão é a dicotomia que se escreve. A sedução que a trilha da escravidão produz é o parentesco com a condição heroica que emparelha Antígona a Burroughs, representante notável da condição de idolatria da submissão a um objeto.

A Toxicomania e o gozo normal.

Como escrito antes, acompanhar o trabalho de Miller sobre as concepções de gozo em Lacan é correr o risco de capotar o veículo tal a monta de curvas, recurvas, curvas para um lado, curvas para outro lado. Mas, é um caminho firme por não favorecer falsa simplicidade.

O que é denominado “gozo normal” é o retorno da “aliança entre o simbólico e o gozo (op cit, 16)”. Dessa maneira, o gozo não está mais além das barreiras imaginária e simbólica e é novamente vivido de modo prosaico. O conceito de gozo, então, deixa para trás a selvageria do fulgor sadiano, não recorre mais a heróis como Antígona ou Burroughs, e é vivido como na contemplação da obra de arte. O efeito no corpo ao contemplar a “Noite Estrelada”, mesmo que jogue o ser na vertigem, está lá, gozo vívido, na ensolarada sala do museu. Isto é, o gozo está inserido no funcionamento do significante e acompanhando o ritmo do ir e vir da pulsão.

As operações de alienação e separação que Lacan descreve no seminário 11 demonstram que, não obstante a conexão do gozo com o funcionamento do significante e o pareamento entre a pulsão, seu representante-representativo e a função ir e vir, abrir e fechar da zona erógena, que há que ser abandonada a vivência direta com o corpo da mãe. Há que alienar-se na ordem significante para separar-se do corpo da mãe. A alienação implica na identificação e na possibilidade de recalque e a separação resulta na substituição do que é abandonado pelo objeto perdido, o objeto pequeno @, representação do que causa desejo e que recupera algo do gozo anulado pelas operações significantes de alienação e separação.

Seguindo Miller: “[no paradigma anterior] temos uma apresentação do gozo maciço alcançável por uma transgressão, um forçamento, o gozo está colocado num lugar abissal que exige a transgressão... [aqui] temos um gozo fragmentado em objetos pequeno @. Ele não está situado num abismo, mas em uma pequena cavidade (op cit, 17)”. É lícito pensar que tal ‘pequena cavidade’ não é exatamente um lugar de inocência, pois se deixada sem nenhum mediador, isto é, se deixá-la sem o brilho de um objeto, ela obriga o retorno do gozo maciço ou o silêncio da existência sem gosto, sem movimento.

Ora, quem vem ocupar esse lugarzinho estratégico na pequena cavidade, recuperando gozo, causando desejo e ao mesmo tempo um antídoto ao gozo maciço ou ao silêncio do gozo, é o resultado da operação significante de anulação e separação: o objeto pequeno @. É bem verdade que Lacan, de acordo com Miller, também assimila a separação a um expediente natural que está relacionado ao que o ser sexuado perde no que se produz pela via do sexo, ou mais propriamente, pela condição unissexuada de cada ser.

Mas, o que é relevante nesse momento é a função que o objeto pequeno @ exerce na boca dessa pequena cavidade. A representação topológica de Miller é de uma pequena marca – um ponto – que não recobre toda a bocarra da pequena cavidade. Há o que é recuperado, mas continua em cena um grande espaço vazio. É nesse espaço vazio que a droga vem desempenhar um papel. Pois, o encontro com a droga indica uma vivência para além do objeto pequeno @. Longe de afirmar que a droga preenche todo o espaço vazio que o objeto @ deixa a descoberto, mas esta tem a propriedade de aumentar a área de recuperação. O sucesso de operação não dura muito, mas é o suficiente para fascinar.

Tal estado de coisas está presente na medicina psiquiátrica contemporânea. Não é incomum um paciente começar seu tratamento com uma espécie farmacológica e pouco tempo depois, o cuidadoso médico adiciona outra espécie e mais outra. Com o intuito de pacificar aquele ser recalcitrante que não deixa de sofrer. O nosso herói do capítulo anterior escreve na última linha de seu “Junky” que vai tentar a sorte com o Yagé, poção similar à ayahuasca. Pelo que escreveu na troca de cartas com Allen Ginsberg (1984), o sucesso não foi tão retumbante. Como não são retumbantes as inúmeras estratégias farmacológicas da psiquiatria atual. É a busca tão idiota quanto inevitável do ser pela unidade que, imaginariamente, aplacaria todo o desprazer.

A toxicomania e o gozo discursivo.

Nessa longa e tortuosa estrada sobre o gozo, entre o paradigma anterior e esse o trecho foi uma reta. O gozo e o significante continuam acasalados de algum modo. Miller escreve: “antes desse quinto paradigma, havia em Lacan... a descrição da estrutura, da articulação dos significantes, do Outro, da dialética do sujeito [sujeito, simbólico]. Depois... a questão era saber como o ser vivo, o organismo, a libido [gozo] eram capturados pela estrutura... com a noção de

discurso, é a ideia que a relação significante/gozo é uma relação primitiva e originária (op cit, 24)”. Ora: o gozo continua significantizado e o significante exerce a função de um agente duplo: anula e mortifica o gozo ao mesmo tempo que o veicula. Exerce o mesmo papel duplo no que concerne ao sujeito. Não há sujeito no real sem significante e o sujeito exhibe uma estúpida e inefável existência. Seu valor é dado exatamente na medida em que está representado.

Tal como descrito no capítulo anterior, o acesso ao gozo não requer forçamento ou transgressão, mas está à mão. Miller diz um tanto enigmáticamente sobre o que o significante desperdiça. Esse desperdício só pode querer dizer que o significante não veicula o gozo por inteiro, deixa que este escorra pela borda da colher.

Esse modo de escrever a relação íntima entre significante e gozo realça, como no paradigma anterior, o papel dos objetos @ no que pode ser, efetivamente, gozado. O termo aqui é usado em sua acepção global que se estende do sentido comum do termo, ao sentido jurídico do termo e ao campo conotado: prazer e satisfação de um desejo. E o paradoxo do gozo entendido desse modo: se não o alcancei, repito para... ; se o alcancei, repito para... . Movimento que não cessa de escrever que “essa repetição é condicionada e animada pela defasagem entre (-φ) e @, ou seja, entre a falta e seu suplemento (op cit, 33)”. E esse mecanismo, como indicado acima, independe da marca que a subjetividade imprimiu à cena onde \$ e @ copulam.

A noção de gozo transmutada em mais-de-gozar, o gozo fragmentado em objetos @, que visa recuperá-lo sem o fazer por inteiro, isto é, sem recuperar o desperdício. Mas, os objetos @ estão aí e a lista deles é ainda maior. Além do oral, anal, escópico, vocal, “os objetos da sublimação estão incluídos... [açabarcando] os objetos da indústria, da cultura, ou seja, a tudo que pode vir preencher o -φ, sem fazê-lo de maneira exaustiva (op cit, 36)”.

A droga ocupa um lugar destacado nesse jogo. Com peculiaridades. É um termo natural (cogumelos, maconha), parcialmente natural (cocaína, LSD) e industrial (MDMA). É contemporâneo (todas as acima) e ritual xamanístico (cogumelos, cacto, ayahuasca, yagé). É marginal e completamente dentro da lei, desde que o discurso médico sancione. É interessante a participação do psiquiatra francês, Moreau de Tours, autor de um celebrado tratado sobre as

alucinações, como mestre de cerimônias do Clube do Haxixe ainda no século XIX (Gautier, 1986), assim como é interessante o movimento de jovens que descobrem, na farmácia não tão platônica, que um antitussígeno, um antialérgico, um antiparkinsoniano podem ser um barato.

O destaque, como defendido desde o início desse escrito, envolve o que a droga promete como objeto. Um objeto inusual em relação à lista acima. Pois, desde o discurso que a anima, seja de origem mística, prosaica ou médica, está vendida como um elemento a mais na experiência. Reparar um defeito metabólico que produz angústia, encontrar com os deuses, tornar um tímido ousado. Cria, portanto, uma esperança que entre o $-\phi$, indicador da falta, e o objeto @, seu suplemento, a experiência seja menos malograda. O início do jogo com a droga parece demonstrar que, por fim, deixamos de chafurdar no lodo em busca de pequenas pérolas de fascínio, na expressão de Baudelaire (op cit).

A toxicomania e a não-relação.

Este é o ponto final do caminho que Miller abriu. Tanto Miller quanto qualquer um de seus leitores – incluo-me – pode antever que tal expressão – ‘ponto final’ – é somente um semblante. Não há algo como um final. À óbvia exceção da morte própria, se não somos religiosos.

Há um comentário colateral a esse respeito no texto de Miller. Quando nos avisa que o ponto de partida de Lacan, em 1952 – Há Psicanálise! – e todo seu cortejo estrutural e conceitual (Falo, Nome-do-Pai, autonomia da linguagem, Outro) que parecia colocar um fim nos dilemas teóricos psicanalíticos, como se fossem termos transcendentais. Ponto final? Não. O correr da obra de Lacan chega ao Há gozo! como propriedade do corpo vivo. E discutimos se o “Há Psicanálise!” e o “Há gozo!” podem ou não reunir-se em um amálgama valioso.

A consequência é que os termos acima de primordiais passam a conectores, isto é, não são mais preliminares. De fundamentais passam a semblantes, isto é, representam o real sem exauri-lo.

O problema a ser levantado, notadamente quando o mote desse exercício é a toxicomania, e se repetimos aqui o risco de elevar o gozo a um termo transcendental e definir que aí está a verdade sobre o ser: gozo, logo existo! Ou esta fórmula mais uma vez não é o ponto final. Miller faz uma associação com a marcha do individualismo moderno até o individualismo contemporâneo quando

o que parecia fazer nexos como as relações, a comunidade e a tradição estão nitidamente marcadas pelo novo e pela invenção. Ora: trata-se, então, de uma verdade transcendente sobre o ser ou mais uma peculiaridade do espírito do tempo?

Pois, quando Miller cita Lacan (1982) “não é lá que se supõe a experiência psicanalítica? – a substância do corpo, com a condição de que ela se defina apenas como aquilo de que se goza. Propriedade do corpo vivo, sem dúvida, mas nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que um corpo, isso se goza (35)”, ele salienta a disjunção entre o gozo e o Outro. O corolário lógico dessa proposição é que há Um sem o Outro. Diz: “é a evidenciação de tudo o que do gozo é gozo Uno, quer dizer, gozo sem o Outro (op cit, 43)”.

Se esse é o estado de coisas do sapiens desde sempre ou a peculiaridade do indivíduo contemporâneo, para quem tudo é possível, da imortalidade à singularidade passando pela transexualidade, o toxicômano além de assumir a condição do mais desejado consumidor, fiel até a morte a seu objeto, é o grande herói do regime do gozo Uno: “eu sei como fazer esse corpinho gozar”.

Resta como alternativa para psicanalisar a adicção a drogas o complemento que Lacan dá à citação acima. Segue Lacan (op cit): “isso [o corpo] só se goza por corporizá-lo de maneira significativa (35)”. ‘Corporizar de maneira significativa’ só pode dizer que o corpo goza de outro modo se significantizado. A antiga diferença entre instinto e pulsão retorna aqui: corpos sem e com significativa.

No texto Toxicomania (Nogueira Fo, 1999), o autor propõe que o toxicômano ‘instintiviza a pulsão’. Retira desta seu caráter acéfalo, aberto, sem objeto definido e a torna equivalente à monotonia objetual do instinto. Retira o toxicômano um tantinho, ao menos, da condição do herói contemporâneo e abre a possibilidade de abrir o sujeito à revisão da invenção que criou para viver.

Bibliografia:

Baudelaire, C (2009) Paraísos Artificiais: o haxixe, o ópio e o vinho (1851). L&PM, Porto Alegre.

Berridge, V (1994) Dependência: história dos conceitos e teorias. Em: A natureza da dependência de drogas, organização G Edwards & M Lader. Artes Médicas, Porto Alegre.

Burroughs, W S (1984) Junky, drogado (1950). Editora Brasiliense, São Paulo.

Burroughs, W S; Ginsberg, A (1984) Cartas do Yagé. L&PM, Porto Alegre.

Cassady, N (1999) O primeiro terço. L&PM, Porto Alegre.

De Quincey, T (2000) Confissões de um comedor de ópio (1821). L&PM, Porto Alegre.

Escotado, A (1998) Historia de las drogas 2. Alianza Editorial, Madrid.

Freud, S (1973a) Las neuropsicosis de defensa (1894). Obras Completas I, Biblioteca Nueva, Madrid.

Freud, S (1973b) La neurastenia y la neuroses de angustia (1895). Obras Completas I, Biblioteca Nueva, Madrid.

Freud, S (1973c) La herencia y la etiología de las neuroses (1896). Obras Completas I, Biblioteca Nueva, Madrid.

Freud, S (1973d) El malestar en la cultura (1930). Obras Completas III, Biblioteca Nueva, Madrid.

Furst, P T (1992) Alucinogenos y cultura. Fondo de Cultura Económica, Mexico DF

Gautier, T (1986) O clube dos haxixins. L&PM, Porto Alegre.

Huxley, A (1966) As portas da percepção e O céu e o inferno (1954 e 1956). Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

Huxley, A (1977) Una predicción visionaria. Em: El Club del Haschisch: la droga en la literatura, organização P Haining. Taurus, Madrid.

Kopp, P (1998) A economia da droga. EDUSC, Bauru.

Lacan, J (1998) A significação do falo (1958). Escritos. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

Lacan, J (1982) O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972). Zahar Editores, Rio de Janeiro.

Madden, J S (2012) Transtornos de abuso de substâncias, Seção Clínica. Em Uma história da Psiquiatria Clínicas – III. A origem e a história dos transtornos psiquiátricos: As neuroses e os transtornos de personalidade, organização G E Berrios e R Porter, Escuta, São Paulo.

Miller, J-A (2008) El partenaire-síntoma. Paidós, Buenos Aires.

Miller, J-A (2012) Os seis paradigmas do gozo. Opção Lacaniana On-line. Ano 3, número 7.

Nogueira Fo, D M (1999) Toxicomanias. Escuta, São Paulo.

Sandison, R (1997) LSD therapy: a retrospective. Em: *Psychedelia Britannica: hallucinogenic drugs in Britain*, organização A Melechi. Turnaround, Londres.